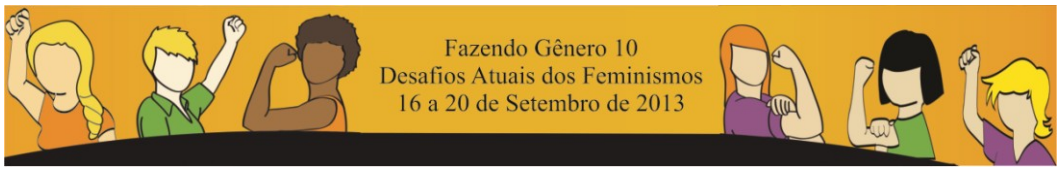


"PRÍNCIPE OU CINDERELA"?: FABRICANDO IDENTIDADES "(A)NORMAIS" NO SUJEITO HOMOERÓTICO

Clodoaldo Ferreira Fernandes[1]
Ariovaldo Lopes Pereira[2]

Resumo: A partir da obra de Azevedo e Dieguez (2010), este trabalho tem como objetivo problematizar os modelos de comportamento em relação à sexualidade que são impostos nas práticas sociais e que predominantemente estigmatizam as práticas homoeróticas. Essa problematização é feita com base em algumas reflexões propostas pelos rastros de estudiosos como Foucault (2001, 2010), Moita Lopes (2003, 2006, 2008) e Hall (2011, 2012) em diálogo com a Análise do Discurso Crítica. O estudo revela que os discursos que se entrecruzaram nas análises confirmam uma legitimação essencialista do que é ser gay na sociedade, que legitima uma essência sexual na contemporaneidade.
Palavras-chave: Identidades. Linguagem. Sexualidades.

Caminhos iniciais...

O contexto social contemporâneo exige dos sujeitos um constante questionamento dos valores e das verdades naturalizadas na 'vida tradicional' (MOITA LOPES, 2003), promovendo a desestabilização das ideologias e das percepções do mundo social. Colocar em questionamento o instituído é tarefa de todo pesquisador/intelectual que se encontra em sintonia com o seu tempo e o tempo dos 'outros'. Assim, o objetivo deste artigo é problematizar os modelos de comportamento em relação à sexualidade que são impostos nas práticas sociais e que predominantemente estigmatizam as práticas homoeróticas é o objetivo.

Desnaturalizar as maneiras que são impostas de forma 'insossa', todavia, violenta, é uma das propostas dos estudos da linguagem. Assumimos, nesse contexto, a compreensão dos estudos da linguagem numa concepção socioconstrucionista, segundo a qual identidades são construídas a partir da linguagem em suas diferentes práticas sociais. Para isso, recorremos às reflexões propostas por Fairclough (2001), por entender que através da linguagem podem ser construídas 'verdades', sendo o discurso um modo de ação em que o sujeito se localiza e no qual age socialmente construindo significados e realidades. Essas verdades têm a capacidade de circular em sistemas de poder que produzem e se apoiam em efeitos desse poder (FOUCAULT, 2005). Com isso**,** concebe-se a verdade do ponto de vista foucaultiano de que ela é deste mundo. Percebemos as construções de verdades como algo histórico, nascidas em tempos específicos, resultados de dados momentos e

[1] Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (MIELT) da Universidade Estadual de Goiás/Brasil-Anápolis. E-mail: aldoff@uol.com.br.
[2] Professor do curso de Letras e do MIELT na Universidade Estadual de Goiás/Brasil-Anápolis. Doutor em Linguística Aplicada pela UNICAMP. E-mail: arylopes_br@yahoo.com.

que são aceitas sem serem questionadas. Assim, as verdades têm o poder de fabricar identidades que serão marcadas de forma negativa caso não sejam adequadas ao modelo aceito por essa sociedade.

Vive-se na atualidade o "descentramento do sujeito" (HALL, 2011). É o momento em que as certezas estão em declínio e são bombardeadas por constantes questionamentos e dúvidas. Nesse sentido, ao afirmar que o sujeito está descentrado, queremos afirmar, como Hall (2011), que as identidades estão sendo deslocadas, no sentido de não serem mais fixas, estáveis ou coerentes. Com isso, entende-se que a identidade tem natureza provisória (BAUMAN, 2005), fraturada e fragmentada (HALL, 2012). Isso faz depreender que as identidades estão sendo construídas e descontruídas em processos contínuos que podemos chamar de um processo inacabado de experimentação. Assim, as identidades podem ser assumidas de diferentes formas, sendo contraditórias e incoerentes e com uma relação estreita entre a linguagem e a produção dessas identidades.

Sobre a relação entre linguagem e a construção das identidades, Moita Lopes (2003) afirma que as instituições e as coletividades têm importante força na possibilidade de legitimar as identidades sociais, nos campos cultural, histórico e institucional, tornando algumas identidades devastadas, 'enjauladas', patologizadas e desempregadas. Essa problematização é feita com base em algumas reflexões propostas pelos rastros de estudiosos como Foucault (2001, 2010), Moita Lopes (2003, 2006, 2008) e Hall (2011, 2012), entre outros, os quais discutem questões de linguagem e sexualidades. Trata-se de pesquisa bibliográfica embasada nos pressupostos do método qualitativo, o qual trabalha com interpretação e descrição de fenômenos da realidade. A análise será feita através de algumas noções da Análise do Discurso Crítica (ADC) e algumas contribuições foucaultianas sobre o sujeito homoerótico[3]. Queremos pensar diferente do que pensamos e percebemos, para ver diferente do que se vê (FOUCAULT, 2001).

Transitando por alguns caminhos...

A linguagem, entendida como uma prática social mediadora da sociabilidade humana, é uma ferramenta realizadora de ações individuais e coletivas que está em constante transformação. Sendo

[3] O termo homoerótico ou homoerotismo é tomado aqui como a "possibilidade que tem certos sujeitos de sentirem diversos tipos de atração erótica ou de se relacionarem fisicamente de diversas maneiras com outros sujeitos do mesmo sexo biológico" (COSTA, 1992, *apud* GARCIA, 2004, p.51). Para Prado e Machado (2012), o homoerotismo é o processo imaginário ou concreto usado para negar uma essência homossexual. Nesse sentido, não remete à identidade, mas à qualidade da relação desse sujeito.

um atributo da linguagem 'transformar-se', pode-se afirmar que ao construir identidades, transformam-nas também, produzindo efeitos e práticas discriminatórias em vários contextos sociais institucionais: nas escolas, nas igrejas, nas academias de ginástica, nas mídias etc. Com isso, ao pensar em linguagens, concebe-se que o discurso está imbricado nessa reflexão, pois, sendo um modo de ação, permite que os indivíduos construam significados agindo nesse mundo (FAIRCLOUGH, 2001). É importante dizer que os significados podem ser legitimados numa prática perversa que constrói discursos de "valor de verdade" (MOITA LOPES, 2006). Esses discursos de verdade constroem corpos, ditam identidades e discriminam outras identidades que não se adequam e/ou enquadram a essa norma. Nesse sentido, os sujeitos detentores de uma condição sexual diferente estarão fora dos padrões "normais", sendo, portanto, vistos como "anormais"[4].

Com o intuito de refletir sobre as maneiras que são instituídas as 'verdades' sobre a sexualidade, principalmente no que se refere ao "normal" e ao "anormal", recorremos a Foucault (2010) para elucidar de que forma surge esse sujeito que na atualidade vai ainda se materializar na sexualidade, sobretudo no homoerótico, o sujeito desviante e patológico. Segundo o pensador francês, antes de se configurar a materialização discursiva da figura do anormal do século XIX é importante compreender, em sua genealogia, o elemento de três figuras que não são dependentes até a segunda metade do século XVIII, mas, têm distintas práticas que se inter-relacionam na figura do sujeito anormal, para aquilo que Foucault chamou de *tecnologias da anormalidade*. A primeira figura é o monstro humano. Não sendo encontrado nos discursos biológicos da época como modelo, essa figura remete à fusão do homem com o animal, tendo como resultado o Minotauro, da mitologia grega; a segunda figura é a do incorrigível, que tem como foco nesse contexto (século XVIII) a família e/ou as instituições que lhe apoiam; a terceira figura é o onanista ou o masturbador, o qual tem como contexto de surgimento a família.

Assim, através dessas três figuras citadas, haverá a materialização discursiva do sujeito homossexual no século XIX, que terá a sua sexualidade descrita e regulada. Será um "tipo humano distintivo" (FOUCAULT, 2001; LOURO, 2004), uma nova espécie patologizada e medicalizada pelos discursos médico-psiquiátricos que viverão um policiamento discursivo da sexualidade. Pode-se afirmar que no século XIX o corpo e a sexualidade são objetos de controle e normalização (FOUCAULT, 2001; PRADO; MACHADO, 2012).

[4] Do ponto de vista foucaultiano toma-se a ideia de que o sujeito dicotomizado "normal" e "anormal" nasce em discurso médico-psiquiátrico mediado pelos especialistas do saber médico e científico. São considerados como "juízes" que tem o "poder de vida e de morte" sobre aqueles 'estranhos' na medida em que podem retirar esses sujeitos do convívio social através de práticas discursivas construtoras de sentidos patológicos e medicalizados. (FOUCAULT, 2010).

Na atualidade, são perceptíveis os discursos que circulam na sociedade em relação ao sujeito homoerótico, os quais posicionam as identidades sociais como inferiores e subalternas e que nega direitos a quem se aproxima delas. Ao se pensar em discursos, faz-se importante refletir sobre a linguagem como produtora de identidades. A linguagem, ao fabricar identidades, constrói, através das coletividades e instituições, os sujeitos que podem circular através da história e do tempo conforme as manifestações de suas sexualidades. Isto significa afirmar que estar na norma é ter um lugar privilegiado para quem está 'normalizado' e centrado em uma heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2012; CONNELL, 1996; LIONÇO; DINIZ, 2009; LOURO, 2001). Nesse sentido, na medida em que há senhas simbólicas delimitadas pela normatividade para acessar os espaços públicos, aqueles e aquelas que não estão dentro do padrão ou do centro terão as identidades sociais ilegítimas, destruídas, encarceradas, desempregadas e patologizadas (MOITA LOPES, 2003). Assim, o sujeito homoerótico, na medida em que é o "anormal", passa a ter a sua sexualidade invisível em diferentes contextos, porque há discursos naturalizados de senso comum (FAIRCLOUGH, 2001) que o posicionam como uma figura aberrante e exótica. Podemos pensar que o sujeito homoerótico será considerado um gênero falho e defeituoso (LOURO 2010).

Portanto, na medida em que as formas de sexualidade não heterossexuais são silenciadas em contextos sociais, percebemos que "não serão reconhecidas, nem tampouco associadas à manifestação afetiva, porque não há associação dos bens culturais e simbólicos da sociedade em relação à prática homoerótica" (FERNANDES; PEREIRA, 2013, p. 64). A homossexualidade, sendo uma questão privada, pública e política, está circunscrita em diversas práticas sociais que subalternizam e colocam uma identidade sexual legítima. Com isso, o sujeito detentor dessa sexualidade 'anômala' é aquele que vive uma espécie de subcidadania, com menos acesso ao direito e às políticas públicas (PRADO; MACHADO, 2012).

De acordo com Foucault (2001), a sexualidade passa a ser uma invenção cujo objeto era a medicina psiquiátrica. Criaram-se lugares para quem era "normal" e "anormal" a partir de suas práticas sexuais. Segundo Foucault, no momento da publicação do artigo de Carl Westphal, em 1870, nasce uma categoria discursivamente homossexual. Temos um sujeito descrito e regulado a partir de sua prática insidiosa. É deixado de evidenciar o sodomita, considerado um reincidente (pecador), para categorizar, normatizar, regular essa nova espécie, esse novo "tipo humano distintivo" (LOURO, 2004, p. 30). Nesse sentido, os discursos a partir de diferentes práticas e discursos 'científicos' (psiquiatria, direito, psicologia, psicanálise etc.) vão patologizar os sujeitos das sexualidades desviantes, materializando, através de diferentes mecanismos de controle, os

perversos e anômalos. A psiquiatria será a ciência e os psiquiatras, os juízes[5], que instauram o poder de julgar as técnicas e os comportamentos anormais que necessitam ser tratados.

Ainda de acordo com o pensador francês, a história da sexualidade está centrada em dois momentos importantes sobre os mecanismos de repreensão, tidos como rupturas. O primeiro momento ocorre no século XVII, quando as proibições só davam valor à sexualidade adulta, como uma prática exclusiva e valorizada. Era o momento em que promoviam práticas de esquiva obrigatória do corpo e as contenções pudicas da linguagem. Outro momento importante dá-se no século XX. Embora menos repressivo, é o contexto de interdições sexuais menos forçosas, passando para uma relativa atenuação à perversão e tolerância às relações pré-nupciais e extramatrimoniais. No entanto, ainda que haja certa ruptura nesses séculos XVII e XX, a sexualidade será marcada por um 'ciclo repressivo' por muitos anos.

A partir de diferentes abordagens, a homossexualidade deixa de ser atributo de discussão somente da antropologia, da psicologia, da medicina e passa a fazer parte do universo literário de autoajuda. Assim, temos os livros como peças fundamentais capazes de moldar por meio de diversas pedagogias o que podemos ser no que tange a vários comportamentos. Os livros tornam-se importantes artefatos para a construção, reprodução e/ou manutenção de identidades desviantes ou menores em relação ao que é privilegiado e normatizado na sociedade. Isto é, a linguagem e as identidades são mecanismos de promoção ou (des)valorização, na medida em que a(s) realidade(s) é(são) produzida(s) pela linguagem (COSTA, 2007). E os livros, como artefatos da 'ajuda de si mesmo', moldam realidades e posições.

Com os livros de autoajuda temos uma literatura que vai performatizar diferentes arranjos e práticas que vão desde pais e mães inseguros em relação às sexualidades dos filhos e filhas ("Mãe sempre sabe? Mitos e verdades sobre os pais de homossexuais", de Edith Modesto), a mulheres que têm um gaydar[6] que impede que sejam enganadas pelos homens ("Cuidado! Seu príncipe pode ser uma Cinderela. Guia prático para identificar um gay no armário", de Ticiana Azevedo e Consuelo Dieguez).

---

[5] Através dos ecos foucaultianos, entendemos que os psiquiatras do século XIX tinham o poder de vida e de morte na vida dos "desviantes". Eram como juízes sentenciadores do que é aceito ou não como saudável em relação às práticas sexuais na sociedade. Dessa maneira, a psiquiatria do século XIX constituirá de *tecnologias da anomalia* (FOUCAULT, 2010) capaz de patologizar e medicalizar aquele não seguidor da *heterossexualidade obrigatória* (BUTLER, 2012). Convém observar que as mulheres eram invisíveis em relação às práticas lésbicas na sociedade, não eram categorizadas e controladas como os sujeitos homoeróticos.

[6] Segundo Azevedo e Dieguez (2010), é a capacidade de identificar um sujeito gay que vive no 'armário'. Ou seja, segundo relatos evidenciados no livro, os homens que vivem sem assumir a (homos)sexualidade deixam pistas que são captadas pelas mulheres atentas ao namorado, esposo, amante, ao "príncipe", etc. O gaydar funciona como uma bússola que permite localizar a sexualidade alheia, que está escondida sob diferentes roupagens. É uma espécie de sexto sentido privilegiado.

Para tanto, nossa discussão será enviesada pela obra de Azevedo e Dieguez (2010), com o objetivo de problematizar os modelos de comportamento em relação à sexualidade que são impostos nas práticas sociais e que predominantemente estigmatizam as práticas homoeróticas. Assim, elencamos em nossos caminhos investigativos duas problematizações que são a força motriz da nossa análise, a seguir: quais são as identidades legitimadas e/ou fabricadas na sociedade em relação ao homoerótico? Essas identidades fabricadas são produtoras e/ou promotoras de exclusão social? Para as autoras, o livro

> é um guia para ajudar mulheres inteligentes a identificar sinais sutis, e às vezes não tão sutis, de que aquele gato maravilhoso que ela conheceu na academia, na casa de um amigo, no café, no avião, no escritório, seja lá onde for, pode ser gay. Também é um alerta para aquelas que já conquistaram esse homem incrível (AZEVEDO; DIEGUEZ, 2010, p.21).

Assim, propomos, nessa caminhada investigativa, o deslocamento das dicotomias, subvertendo lugares, privilégios que são norteadores da exclusão, discriminação e marginalização (COSTA, 2007a). Nesse sentido, o livro em questão é pensado como um artefato cultural que fabrica identidades e que educa para diferentes maneiras de ser e de se comportar na sociedade conforme as identidades. Portanto, na medida em que o 'homossexual' surge discursivamente no século XIX, inventado pela psiquiatria (FOUCAULT, 2001, 2010), os discursos ecoam até a contemporaneidade através de diferentes práticas sociais que fabricam 'príncipes' e/ou 'cinderelas', fazendo que a existência homossexual seja dada, marcada e categorizada sob diversos lugares, privilegiados ou não.

"Príncipes" e "Cinderelas": discursos que se entrecruzam...

Nesta seção, buscamos apresentar as sequências discursivas que serão o corpus da nossa tentativa de análise, a qual se fundamenta em algumas noções da Análise de Discurso Crítica e dos ecos foucaultianos do sujeito "normal" e "anormal". Portanto, a análise em questão, como foi dito anteriormente, é advinda do livro de Azevedo e Diegues (2010). É importante ressaltar que o foco da seleção dos trechos do livro em questão recai sobre a construção de identidades do sujeito homoerótico. Para análise, os trechos foram distribuídos em três categorias, a saber:

Categoria 1: Que 'roupas' escolher no "armário"?: identidades policiadas

> **São pessoas confusas** que, **sem a coragem de se assumir**, ainda assim são individualistas e **sem caráter** a ponto de carregar uma mulher como refém sentimental pela vida afora. (AZEVEDO; DIEGUEZ, 2010, p.10-11, grifo nosso).
> Fui então dando conta de um monte de sinais que haviam passado despercebidos por todos. Sua fixação por perfumes, por cremes, aquela vaidade excessiva, aquele monte de roupas

> de grife. Aqueles tênis Prada [...] Afora a relação umbilical com a mãe [...] e aquele xaveco todo com os amigos [...] e o sexo morno, morno. (AZEVEDO; DIEGUEZ, 2010, p. 20).
> **Meu gaydar também apita forte quando vejo duplas masculinas, no cinema, sábado à noite**. Aí, só existem duas opções: ou são gays ou são muito machos para ignorar os comentários alheios (AZEVEDO; DIEGUEZ, 2010, p. 202, grifo nosso).

Nesses excertos discursivos percebemos a necessidade de psicologizar o sujeito homoerótico como uma pessoa confusa, indecisa e sem caráter, detentor de problemas de cunho psicanalíticos. Esse indivíduo materializado na primeira sequência discursiva é determinado como um ser insensível que necessita deixar refém durante a sua vida amorosa-sexual. Para as autoras, não sair do armário é carregar a mulher como vítima das indecisões dos príncipes. Esse suposto amante torna-se inapropriado como uma figura amorosa porque é contrário à norma imposta por algumas correntes de movimentos sociais que defendem o *outing*[7]. Nas segunda e terceira sequências discursivas temos uma mulher com sexto sentido convicta, que fabrica identidades que reverberam a imagem de um gay extremamente vaidoso e superficial. Podemos afirmar que o homoerótico vive imerso em um *policiamento discursivo* (FOUCAULT, 2001, 2010) que a qualquer momento terá a sua sexualidade descoberta, descrita, normatizada e regulada (LOURO, 2004) pelo 'gaydar' das mulheres 'anti-gays'. O que prevalece nesses acontecimentos discursivos é a figura "desviante" do homem rico, branco, escolarizado. Nesse sentido, ao legitimar não só a figura aceita socialmente do homem branco e escolarizado, reproduz na figura do homoerótico um sujeito similar ao heterossexual e essa prática social exclui outras identidades porque não permite o acesso do gay que não esteja nos moldes dessa referência, ainda que de forma desviante.

Categoria 2: Príncipes ou Cinderelas?: identidades (re)construídas

> [...] gays adoram boas grifes [...] fique atenta se o seu homem tem interesse exagerado por marcas [...] gays adoram grifes [...] Gays conhecem designers. Héteros, não - ela responde. - Só um gay saberia a marca do meu sapato.[...]A gente percebe que ele não tem um sapato de Mr.Cat em casa, um sapato nacional. É tudo Gucci, Ferragamo, Prada. Não consegue ter uma grifezinha simples [...] esse excesso de vaidade, sinceramente, não corresponde ao perfil masculino (AZEVEDO; DIEGUEZ, 2010, p. 30-3).
> Ele tem vários modelos de celular, com capinhas diferentes para variar de acordo com a ocasião. Tem uma coleção considerável de relógios de todas as marcas [...] óculos, [...] uma discreta caixa de couro com alguns acessórios, como correntes de prata, ouro, brinquinho com um brilhante [...] **você acha normal o rapaz ser fissurado nesse monte de acessórios?** (AZEVEDO; DIEGUEZ, 2010, p. 38, grifo nosso).
> [...] procurem usar a minha aritmética. Se o cara está separado há duas décadas e nunca mais se casou ou teve uma namorada firme, isso é um indício [...] A casa é impecável? A cama, arrumadíssima? Muito design por todos os lados, inclusive nas revistas?[...] Não, querida, não embarque na desculpa de que ele é virginiano, libriano ou louco por decoração. Outras incautas já passaram por isso. Poupe-se. (AZEVEDO; DIEGUEZ, 2010, p. 92-102).

[7] Saída do 'armário', assumir-se para si mesmo e para a sociedade como forma de emancipação e conquista.

Novamente nesses eventos discursivos temos a identidade fabricada de um gay rico, culto e bem informado. Ou seja, fica evidenciado que o gay pobre, e não escolarizado não existe. Esses discursos elitizados que estão imbricados nas sequências discursivas denotam um silenciamento das identidades de menor prestígio. Postulam, dessa maneira, o que a mídia televisiva já faz há algum tempo ao tematizar a homossexualidade: sempre através do viés do branco, classe média, escolarizado. Por acaso seria a realidade do nosso Brasil esse modelo legitimado? Algo importante que se faz necessário levantar nessa análise é a maneira que essencializa a identidade gay. Isto é, o "Príncipe" e/ou a "Cinderela" são construídos como consumistas, com a única via determinista de viver e usufruir o que a boa vida pode oferecer. Posto isso, percebemos que o gay ainda é categorizado como consumista, superficial, que trabalha para o consumo incessante porque tem várias roupas de grifes internacionais, possui diferentes relógios e aparelhos de celular. Ao estabelecer o que é "normal" no segundo evento discursivo, temos a figura do "anormal", do estranho, do excêntrico (LOURO, 2004). Institui as divisões, dá o lugar para aquele que não está no centro, demarca o centro e hierarquiza as identidades; estabelece lugares daqueles que não seguem a norma, o esquadro (CANGUILHEM, 2012). Perigosa via a do homem heterossexual que não está também nessa norma: casado ou namorando e de casa desarrumada, de preferência sem *design* nas revistas.

Categoria 3: Discursos de especialistas na fabricação das sexualidades

> Essa é uma questão que vem sendo discutida há séculos por filósofos, psicanalistas, cientistas, religiosos e, mais recentemente, por geneticistas. Afinal, bissexualidade existe? Ou é somente uma desculpa para o homem que não tem coragem de assumir sua verdadeira preferência? [...]*Acho que é falta de conhecimento da sua real situação. Eu, particularmente, acho que são todos homossexuais.* ***Vejo a bissexualidade como falta de oportunidade ou de coragem de ser homossexual*** (AZEVEDO; DIEGUEZ, 2010, p. 178-188, grifo nosso)
>
> Neste manual, fizemos sim, listas ressaltando algumas atitudes que seriam mais típicas de gays do que de héteros. Elas foram elaboradas com base em depoimentos de profissionais, médicos, analistas e, claro, de mulheres que se apaixonaram por gays enrustidos e depois sofreram muito. (AZEVEDO; DIEGUEZ, 2010, p. 62)

Nos excertos discursivos acima percebemos que a sexualidade é algo que muitos querem discutir, compreender desde há muito. O que nos confirma que a sexualidade é um dispositivo histórico (FOUCAULT, 2001) que dá lugares distintos ao sujeito homoerótico. Nesse sentido, percebemos que o detentor da sexualidade "anômala" é categorizado discursivamente a partir de sua prática sexual, sendo nomeado por diferentes mecanismos linguísticos que se deslocam no tempo e espaço, reverberando na contemporaneidade. Temos o sodomita (FOUCAULT, 2001, 2010) insano

e pecador e, posteriormente, pervertido e patologizado pela psicanálise (FREUD, 1905/1969; VIEIRA, 2009), o homossexual "desviante" (FOUCAULT, 2001) que nasce no século XIX. Assim, evidencia-se que os depoimentos acima refletem discursos de séculos que se imbricam e materializam para construir identidades sexuais 'indecisas' como se verifica nos bissexuais. Portanto, compreendemos que os discursos das instituições que se corporificam nas especialidades de cada um fabricam e posicionam as identidades dentro de uma lógica de normalização, de um esquadro. Dessa maneira, ao ouvir diferentes profissionais para a confecção do manual 'anti-gay enrustido', estes validam o valor de verdade (MOITA LOPES, 2006) que possuem para centralizar o que é 'ser homem' e 'ser gay' na sociedade.

Um descanso por esses caminhos

Ao reivindicarmos um descanso para nossa caminhada, não significa que aceitamos a conclusão e as certezas dadas; ao contrário, pretendemos pausa para novas reflexões e questionamentos porque queremos pensar sobre as diferentes maneiras acerca de como o sujeito homoerótico é visto na sociedade. Ao retomarmos as dúvidas iniciais deste trabalho, verificamos nas análises empreendidas o 'fabrico' de um gay totalmente elitizado e consumista. Percebemos que os discursos que se entrecruzaram nas análises confirmam uma legitimação essencialista do que é ser gay na sociedade. Assim, ao fabricar identidades homoeróticas fixas e estáveis, Azevedo e Diegues (2010) limitam outras maneiras de ser e estar em relação às sexualidades. Elas controlam, legitimam e regulam o que é ser homem na sociedade e quais modelos seguir. Impõem práticas sociais policiadas pela constante e incessante caça aos gays enrustidos. Algo que chama a atenção ao longo da leitura do "guia" é que há brincadeiras tidas como inocentes que são permitidas socialmente porque não caracterizam preconceito, mas que hierarquizam as identidades e as sexualidades, excluindo aqueles que são diferentes da referência, do centro.

Portanto, ao final dessa pausa, correndo o risco de sermos prescritivos, queremos propor novas maneiras de se pensar os arranjos sociais (LOURO, 2010) porque é preciso que haja uma desestabilização do instituído para promover novas formas de ser, estar e viver em sociedade. Assim, fazer pesquisa é pensar diferente do que é; é querer algo mais que nos motive em diferentes caminhos investigativos, para desequilibrar as certezas e questionar as verdades. Para isso, precisamos nos constituir como "intelectuais em atitudes de risco" (FISCHER, 2007, p. 69).

Referências

AZEVEDO, T.; DIEGUEZ, C. *Cuidado! seu príncipe pode ser uma Cinderela*: guia prático para identificar um gay no armário. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010.

CONNEL, R.W. *Masculinities.* Berkeley: University of California Press, 1996.

BAUMAN. Z. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.

CANGUILHEM*, G. O normal e o patológico.* 7. ed. Tradução Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

COSTA, M. V. Introdução. Novos olhares na pesquisa. In: Costa, M. V. (Org.). *Caminhos investigativos I:* novos olhares na pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007a. p. 13-22.

_____.Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural da identidade. In: COSTA, M. V.(Org.). *Caminhos investigativos II*: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007b. p. 91-115.

FAIRCLOUGH*,* Norman*. Discurso e mudança social.* Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FERNANDES, C. F.; PEREIRA, A. L. *Sexualidades em trânsito*: juventudes "desviantes" na escola. Ícone. V. 11 – jan. 2013. São Luís de Montes Belos, 2013. Disponível em: http://www.slmb.ueg.br/iconeletras/artigos/volume11/SEXUALIDADESEMTRANSITO-JUVENTUDESDESVIANTESNAESCOLA.pdf. Acesso em: 29 mai. 2013.

FISCHER, R. M. B. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In: COSTA, M. V.(Org.). *Caminhos investigativos II*: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 49-70.

FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. *História da sexualidade:* a vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão técnica J. A. Guilhon Albuquerque. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001. v. 1.

_____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

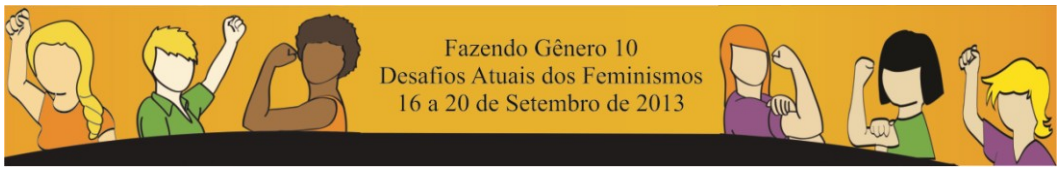
_____. *Os Anormais*: curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.* Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Originalmente publicado em 1905).

GARCIA, O. R. Z. Prática sexual entre mulheres: identidade ou pluralidade sexual? In: LAGO, M. C. S.; GROSSI, M. P. et. al. (Orgs.). *Interdisciplinaridade em diálogos de gênero.* Florianópolis: Editora Mulheres, 2004.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.



LOURO, G. L. *Um corpo estranho*: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. *Gênero, sexualidade e educação*: uma perspectiva pós-estruturalista. 11. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

MOITA LOPES, L. P. *Discursos de Identidades:* discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

_____. *Identidades fragmentadas. A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

PRADO, M. A. M.; MACHADO, F. V. *Preconceito contra homossexualidades*: a hierarquia da invisibilidade. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012.v.5. (Coleção Preconceitos).

VIEIRA, L. L. F. As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana. *Revista Mal-estar e Subjetividade*. Vol. 9, Nº 2, p. 487-525. Jun/2009. Disponível em:< http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v9n2/06.pdf>. Acesso em: 13 abr.2013.

“Prince or Cinderella”?: building “abnormal” identities in the homoerotic subject

Abstract: Based on the work of Azevedo and Dieguez (2010), this paper aims to discuss the role of sexual patterns that are imposed on social practices and stigmatize homoerotic practices. This questioning is based on some reflections suggested by scholars such as Foucault (2001, 2010), Moita Lopes (2003, 2006, 2008) and Hall (2011, 2012) in dialogue with Critical Discourse Analysis. The study shows that the discourses which intersected in the analysis corroborate an essentialist legitimization of what being gay in society is nowadays.
Keywords: Identities. Language. Sexualities.